

RELAÇÕES DE GÊNERO EM REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DE FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL (2010-2014)

Samira Moratti Frazão¹

Resumo: O presente estudo visa analisar as relações de gênero, implícitas e/ou explícitas, em representações midiáticas de fluxos migratórios contemporâneos de migrantes internacionais para o Brasil, entre os anos de 2010 e 2014. Este recorte, fruto de tese em andamento, contempla a migração envolvendo pessoas de origem africana e caribenha, neste último caso especialmente haitianos, que vieram ao Brasil e que aqui se encontram em mobilidade. Em análises preliminares, verificou-se que a presença de migrantes, enquanto personagens de reportagens jornalísticas divulgadas neste período em sites de notícias, é majoritariamente masculina. Nesse sentido, a proposta é verificar de que modo as relações de gênero desses grupos migrantes são retratadas nos discursos midiáticos, a fim de também tornar visíveis as mulheres e os arranjos familiares nesse contexto, quando possível. O referencial teórico é composto por estudos que contemplam a temática de mídia e migrações, pânico moral, Análise Crítica do Discurso e História do Tempo Presente.

Palavras-chave: História do Tempo Presente. Fluxos migratórios contemporâneos. Representação. Discurso. Pânico Moral.

INTRODUÇÃO

O macrotema sobre os fluxos migratórios contemporâneos no Brasil foi abordado em vários momentos no jornalismo brasileiro, a citar a vinda de haitianos intensificada após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010 (ver SENADO, 2012, por exemplo) e a vinda de ganeses para o país durante a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil (FRAZÃO & ASSIS, 2016). No entanto, o acontecimento envolvendo o primeiro caso de suspeita de ebola no Brasil em outubro de 2014, foi eleito como ponto de partida para analisar a forma como foi conduzida a representação de fluxos migratórios contemporâneos e os impactos sobre a inserção e integração de imigrantes, sobretudo negros, entre homens e mulheres, de origem africana e de outras nacionalidades, como é o caso dos haitianos. Para a escrita da tese – cujo presente artigo é um recorte da mesma pesquisa – foi possível observar em fontes provenientes de notícias publicadas em sites jornalísticos e a partir de depoimentos obtidos junto a jornalistas e migrantes por meio da História Oral, que imigrantes e refugiados foram

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Integrante do Observatório das Migrações de Santa Catarina (UDESC) e do Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF/FAED/UDESC). E-mail: samiramoratti@gmail.com

vítimas de xenofobia e racismo em virtude do acontecimento. No caso dos haitianos, muito embora o Haiti faça parte da América Central, no mar do Caribe, foram confundidos com africanos, passando por situações de preconceito (FRAZÃO & ASSIS, 2017).

No acontecimento em questão, um refugiado da Guiné foi apresentado no discurso jornalístico de diversos jornais brasileiros como portador do vírus ebola, e supostamente teria manifestado sinais semelhantes aos da doença ao dar entrada no Brasil em setembro do mesmo ano. Informações pessoais, incluindo dados de identificação presentes no registro de entrada no Brasil (dados estes que deveriam ser mantidos em sigilo em razão da condição de refúgio a qual o imigrante ocupava), além de imagens e endereço do albergue onde residia temporariamente foram divulgados. As representações dispostas discursivamente na mídia – e se inclui o jornalismo – sobre o refugiado contribuíram na promoção de pânico morais contra africanos e haitianos, mesmo após a divulgação dos resultados negativos dos exames realizados para verificar se estava infectado com o vírus. A fim de exemplificar parte da cobertura jornalística, seguem dois trechos de reportagens, publicadas em sites jornalísticos como O Dia e Jornal do Brasil² durante outubro de 2014:

O paciente foi isolado em uma unidade de saúde em Cascavel (a 498 quilômetros de Curitiba). O local foi esvaziado, e os pacientes transferidos para outros hospitais. O religioso apresenta quadro de febre alta e hemorragia, segundo nota da Secretaria Estadual de Saúde. A Guiné é um dos três países que mais registraram casos de morte pela doença no continente africano. [...] Parentes de pessoas internadas e curiosos foram ao local após emissoras de rádio e TV divulgarem a suspeita, no início da noite. (O DIA, 2014)

Contudo, apesar de [o refugiado] ter entrado no país de forma tradicional, um medo que pode surgir na população é da entrada de imigrantes de forma ilegal no país, muitas vezes junto aos migrantes vindos do Haiti. [...] O infectologista ressalta que os problemas médicos relativos à pouca fiscalização das fronteiras é muito anterior ao medo da entrada de ebola. (JORNAL DO BRASIL, 2014)

² Jornais locais de Cascavel, cidade paranaense onde ocorreu o caso, reproduziram em suma notícias publicadas em jornais veiculados na internet, em âmbito nacional. Durante a coleta das reportagens publicadas em meio digital para constituir o corpus da tese, não foram encontradas notícias produzidas localmente que possuísem um texto próprio, diferente dos presentes em jornais publicados em outros estados ou reproduzidos na internet por meio de agências de notícias e que integram as fontes coletadas. No entanto, observou-se que portais nacionais como o G1 (<http://www.g1.com.br>) e Gazeta do Povo, jornal pertencente a uma empresa jornalística paranaense, reproduziram notícias feitas por jornalistas enviados a Cascavel, como é o caso de uma das fontes aqui analisada (ver JOHN, 2014), para realizar a cobertura jornalística a respeito do caso, *in loco*.

Os trechos acima retirados de reportagens presentes na pesquisa, sobretudo na última citação, sintetizam brevemente e servem para exemplificar como foi realizada a cobertura jornalística a respeito do considerado primeiro caso de suspeita de ebola do Brasil. A partir delas e com base em outras reportagens que integram o corpus da tese, constituído por 20 no total, além de outras fontes documentais e orais, foi possível realizar uma análise em torno de como as mídias digitais jornalísticas, aqui consideradas fontes históricas para a análise de acontecimentos recentes na História do Tempo Presente, podem construir ou se apropriar de representações – inclusive das relações de gênero a respeito de imigrantes e pessoas em situação de refúgio – e apresentá-las em seu discurso sobre os fluxos migratórios contemporâneos.

Por História do Tempo Presente compreende-se, dentre outras conceituações recorridas no campo, ao ato de historicizar fatos e/ou acontecimentos de um passado considerado próximo ou cujos vestígios emergem na contemporaneidade. “A noção de ‘tempo presente’ se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas” (DOSSE, 2012, p. 11). Desse modo, o tempo possuiria diversas camadas temporais, que podem se entrelaçar e ter sentidos compartilhados em diversos estratos de tempo (KOSELLECK, 2014).

Apesar de as migrações que integraram a composição dos estratos sociais do Brasil no passado serem importantes para a compreensão de aspectos no presente, também os movimentos migratórios recentes trazem consigo transversalidades que mesclam não apenas tempos (o tempo passado com o tempo recente; ou o tempo presente que parece não passar tendo o passado ao seu encaço), como processos políticos, culturais, históricos e também sociais que devem ser problematizados (ROUSSO, 2012), ainda que estejam em condições perenes ou que pareçam não ter fundamento suficiente para sua análise e problematização. Mesmo recentes, tais fluxos migratórios contemporâneos são possuidores de raízes fincadas e transpassadas em diferentes estratos de tempo, ideia postulada pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2014).

Em sua obra “Estratos do Tempo – Estudos sobre História”, Koselleck (2014) explica em determinado momento o significado da metáfora em questão. Para ele, os estratos de tempo remeteriam a diversos planos históricos, com durações e origens distintas, mas que atuam simultaneamente. Tais estratos reúnem a contemporaneidade do não contemporâneo, o que acredito estar relacionado neste caso específico aos fluxos migratórios recentes. Ainda

que os estratos de tempo possuam singularidades, estas se repetem mesmo em movimentos próprios; possuem elementos que se mantêm e são revisitados ao longo do tempo. “Todos os âmbitos da vida e ações humanas contêm diferentes estruturas de repetição que, escalonados, se modificam em diferentes ritmos” (2014, p. 14).

No que diz respeito à imigração recente, a imagem positiva do Brasil no cenário internacional na primeira década do século XXI até meados de 2014, momento em que países europeus e de outros continentes passavam por um contexto de crise econômica e de fechamento das fronteiras, com acentuação da criminalização das migrações nos EUA e na Europa, por exemplo (a citar ASSIS, 2012; ASSIS & BENEDUZI, 2014), atrelada a onda migratória de latino-americanos e caribenhos ao Brasil (descrita em CASTRO, 2001; ASSIS & MAGALHÃES, 2016), também pode ser considerada como fator de atração de grupos como africanos e caribenhos para solo brasileiro. Alguns vindos em busca de asilo em razão de perseguições políticas, religiosas, ambientais, dentre outros fatores. No caso dos guineanos, a região da África Ocidental, incluindo a Guiné, sofreu entre os anos de 2013 e 2015 uma grave epidemia do vírus Ebola, responsável por incentivar a fuga de nacionais, entre homens, mulheres e crianças, para outros lugares, dentro e fora do continente africano (WHO, 2015).

Antes, porém, de prosseguir com a análise dos dados e fontes, é oportuno discutir alguns conceitos que deram base teórica para compreender a problemática, tais como discurso, representação, pânico moral, além do método de Análise Crítica do Discurso.

REPRESENTAÇÕES, DISCURSO E PÂNICO MORAL: PONTOS DE CONTATO NO JORNALISMO

As informações presentes no discurso jornalístico, que também podem refletir os discursos de grupos sociais considerados hegemônicos, podem ser utilizadas para construir realidades, além de influenciar a opinião pública. Em tais discursos são acionadas representações sobre pessoas, situações e coisas, a partir das quais são elaborados conhecimentos (HALL, 2016). Ao serem materializados, os discursos podem ser orais ou textuais, associados à imagens estáticas ou audiovisuais, e gerar impressões implícitas ou explícitas acerca do quê e/ou de quem são representados (FOUCAULT, 2013).

O discurso, neste caso, está relacionado as formas de representação e a um determinado momento histórico. Constitui o modo como determinada linguagem é ressignificada em um contexto específico, combinada com “... a maneira como práticas representacionais operam em situações históricas concretas” (HALL, 2016, p. 27). O discurso é compreendido por meio da associação do “... sentido, a representação e a cultura” (HALL, 2016, p. 26), e poderá ser apreendido como válido, condizente com o real e, em certa medida, verdadeiro, de acordo com o que o grupo do qual se vale deste discurso acredita como verdade. Juntos, tanto prática quanto discurso são responsáveis por constituir sujeitos e objetos que compõem os espaços de circulação social (CASTRO, 2015).

No jornalismo podem ser representadas realidades baseadas em fatos verídicos ou moldadas de acordo com interesses diversos – seja de grupos hegemônicos direta ou indiretamente envolvidos, da própria linha editorial do veículo em questão ou de patrocinadores, por exemplo. Nesse sentido, “as representações constroem uma organização do real por meio das próprias imagens mentais veiculadas por um discurso” (CHARAUDEAU, 2014, p. 433). Essas formações discursivas, da qual fazem parte uma série de práticas sociais estimulam o estabelecimento de uma memória que coaduna com os princípios que emanam do discurso. “Eles o fazem pelo mútuo atravessamento, ao longo do tempo, de uns discursos em outros discursos, no que se denomina interdiscurso” (BENETTI, 2009, p. 99).

No caso dos discursos reproduzidos no jornalismo, dependendo de circunstâncias como o acontecimento em questão, o sensacionalismo e do quê ou quem se fala, podem promover pânico morais (THOMPSON, 2014). As representações podem desencadear uma percepção equivocada sobre algum comportamento cultural ou grupo de indivíduos, em especial as minorias (FRAZÃO & ASSIS, 2016).

Na Sociologia, o pânico moral é relacionado aos estudos que observam condutas coletivas e de desvio social, presentes ou não nos meios de comunicação. Dentre as características de um pânico moral, estão:

- 1) algo ou alguém é definido como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; 2) esta ameaça se representa nos meios massivos de tal modo que sua forma será facilmente reconhecida; 3) se produz uma rápida construção de uma preocupação pública; 4) as autoridades e os formadores de opinião devem responder ou dizer algo a respeito; 5) o pânico passa ou produz mudanças sociais (THOMPSON, 2014, p. 23)

A partir da representação de determinados acontecimentos sobre algo considerado como portador de um possível pânico moral, grupos considerados hegemônicos exigem por intermédio da opinião pública e do jornalismo uma “maior regulação ou controle, uma demanda para regressar aos ‘valores’ tradicionais” (THOMPSON, 2014, p. 24). O autor salienta que, para verificar se determinado acontecimento ou grupo é passível de se tornar alvo um pânico moral, é necessário compreender de que forma os indivíduos em questão foram socialmente representados em um discurso, além de elencar as razões que desencadearam tal pânico. Por exemplo, “um alto nível de preocupação pelo comportamento de um determinado grupo ou tipo de pessoas, e um aumento do nível de hostilidade a aqueles considerados como uma ameaça” (THOMPSON, 2014, p. 24) podem ser dois dos fatores analisados em um acontecimento.

Ambas as razões foram constatadas ao analisar o caso de suspeita de ebola ocorrido no Brasil em outubro de 2014 e que envolveu um refugiado da Guiné. Como exposto no início do artigo, na ocasião o refugiado com suspeita de ter contraído a doença foi marginalizado publicamente, a ponto de gerar reflexos sobre a inserção e integração de outros grupos migratórios e com pessoas em situação de refúgio, especialmente os negros de origem africana ou de outras nacionalidades, sobretudo homens. Motivo pelo qual na discussão aqui realizada se trabalhou com conceitos que integram os estudos das relações de gênero, como o de masculinidades.

Nesse sentido, é válido pensar sobre os modos possíveis como os nacionais interpretam a representação de imigrantes presentes no discurso jornalístico e as relações de gênero nela contidas: desde a questão envolvendo as representações em torno das masculinidades dos imigrantes e como isto é colocado midiaticamente ao retratarem a mulher imigrante. “Ideias positivas de masculinidade atribuídas por mulheres e também homens brasileiros a pessoas estrangeiras são relativamente flexíveis: as nacionalidades podem variar em função do posicionamento localizado dessa nacionalidade no contexto analisado” (PISCITELLI, ASSIS & OLIVAR, 2011, p. 17).

ANÁLISE DAS FONTES

Foi utilizado o método Análise Crítica do Discurso (ACD) – também chamada de Análise do Discurso Crítica – para refletir acerca das representações e discursos sobre os imigrantes e pessoas em situação de refúgio retratadas discursivamente nas reportagens que compõem o corpus da pesquisa. A ACD pode ser usada na análise de textos, sendo compreendidos como “... produções sociais historicamente situadas que dizem muito a respeito de nossas crenças, práticas, ideologias, atividades, relações interpessoais e identidades” (RESENDE & RAMALHO, 2011, p. 10). Foi originada a partir da Teoria Social do Discurso, cujo expoente é o linguista britânico Norman Fairclough, para o qual assim como outros elementos e práticas sociais, a linguagem também é um importante componente presente na vida social. A ACD é “... capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere” (RESENDE & RAMALHO, 2011, p. 11-12). Para operacionalizar o método, considerou-se elementos textuais presentes nas reportagens publicadas em sites jornalísticos e transcritos adiante, para dar base à discussão.

A divulgação de notícias sobre o caso de suspeita de ebola começou a ocorrer em 9 de outubro de 2014. A partir de então, veículos de várias partes do país intensificaram a cobertura jornalística sobre o acontecimento em questão. Com o passar dos dias, porém, novos relatos foram introduzidos, incluindo as situações de racismo, preconceito e xenofobia pelas quais imigrantes africanos e caribenhos vivenciaram à época, especialmente os homens, como pode ser observado no trecho a seguir publicado na página do grupo RPC, empresa jornalística com atuação no estado do Paraná e na cidade de Cascavel, onde o refugiado da Guiné se encontrava inicialmente:

Desde que o africano [...] ³, de 47 anos, foi internado em Cascavel, no oeste do Paraná, na quinta-feira (9), com suspeita de estar com o vírus ebola, **os cerca de dois mil estrangeiros que vivem na região começaram a sentir o aumento do preconceito.** O presidente da associação dos haitianos na cidade [...] diz que tem ouvido comentários preconceituosos, mas orienta seus conterrâneos para que mantenham a calma. “Agora está todo mundo mais relaxado porque o resultado do exame deu negativo. Mas **as pessoas começaram a falar que tem haitianos casados com brasileiras, com filhos, e comentam que não vão mais saber quem está doente e o vírus**

³ A fim de proteger a privacidade do refugiado e da identidade de outros imigrantes citados nas reportagens, optou-se aqui por suprimir os nomes reais, uma vez que se entende que novas divulgações a respeito, ainda que no campo acadêmico, podem vitimizar novamente os envolvidos, o que não consiste na proposta da pesquisa. Pelo contrário: a intenção é desconstruir os discursos presentes nas reportagens analisadas.



vai começar a se espalhar. [...] a hostilização começou ainda na noite de quinta-feira, quando foi divulgada a notícia de que havia **um africano** internado na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) [...] “Na quinta-feira, logo que se espalhou a notícia do ebola, **um haitiano me contou que estava voltando do trabalho, e no ônibus as pessoas não queriam sentar perto dele por medo, ficaram afastadas**”, lembra. “**Os haitianos estão com medo**, vários vieram falar comigo e pediram para explicar a diferença entre haitiano e africano e que não temos epidemia de ebola no nosso país [...]” [...] faz um programa de rádio e aproveitou para divulgar mais sobre a doença. “É preciso divulgar que o Haiti fica na América Central e não na África e explicar sobre os sintomas e como é a transmissão.” **Para o haitiano, o preconceito não é pela cor da pele, mas sim por causa da nacionalidade.** [...] **não há estrangeiros na região em situação ilegal.** (JOHN, 2014, grifo meu)

Inicialmente é possível notar no discurso em questão a presença de palavras no gênero masculino para se referir aos imigrantes citados. Em determinado momento, porém, o depoimento do presidente da associação de haitianos de Cascavel, no Paraná, visibiliza as mulheres, brasileiras e casadas com haitianos. Também se cita a existência de filhos, possivelmente fruto do relacionamento entre haitianos e brasileiras. Ainda que a partir da união matrimonial ou estável feita entre pessoas de nacionalidades diferentes também participem brasileiros, a fala do entrevistado destaca as situações de preconceito e xenofobia vivenciadas pelos haitianos, mesmo que não possuam relação direta com o caso de suspeita de ebola. O que pode ser confirmado pelo próprio imigrante ao dizer que, em sua opinião, o preconceito não seria sobre a cor da pele em si, mas em decorrência da nacionalidade. Aqui, no entanto, é necessário problematizar que para brasileiros e brasileiras que podem vir ou não a ter contato com imigrantes haitianos ou africanos, principalmente nos casos em que os estrangeiros não consigam se comunicar em língua portuguesa, é preciso refletir que na ausência de conhecimento sobre os dialetos e idiomas falados (entre eles o creole praticado no Haiti), a identificação de haitianos ou africanos se dará pela cor, podendo, portanto, ocorrer a incidência de práticas racistas por parte de brasileiros, entre homens e mulheres, contra haitianos e africanos, como confirmado em outra reportagem, descrita adiante.

Ainda sobre o casamento entre haitianos e brasileiras, ou mesmo sobre os haitianos que estão sozinhos no Brasil, é oportuno tratar acerca do papel de provedor do lar que ainda possa ser atribuído do passado à contemporaneidade aos homens – mesmo que tal premissa já tenha mudado com a independência da mulher no que diz respeito a atividades e tarefas antes feitas exclusivamente por homens (ASSIS, 2012). A prática também pode ser aplicada em

outros arranjos culturais, inclusive dos imigrantes. Embora parte deles encontrem na mobilidade um caminho para melhorar a sua vida e de seus familiares, nas representações identificadas nos discursos analisados se percebeu uma disputa discursiva de ideais quando os homens imigrantes são representados como possíveis chefes de família e/ou em busca de trabalho; quando o fazem em outro território onde nacionais também buscam empregos, o discurso sobre essa migração recente pode convergir para a indicação de um fechamento de fronteiras, tal como assinalado no trecho do Jornal do Brasil (na introdução), ainda que estivesse associado ao caso de suspeita de ebola, gerando um pânico moral relativo a saúde e perigo⁴, sobretudo contra os homens.

Especificamente sobre o caso de suspeita de ebola envolvendo o refugiado da Guiné, em apenas um momento se notou no discurso jornalístico a presença de mulheres imigrantes, quando uma haitiana foi entrevistada pela Gazeta do Povo, jornal paranaense, sobre o preconceito acentuado após a divulgação do caso pelos jornais:

Apesar de a suspeita de ebola ter envolvido um imigrante da Guiné, **a repercussão em torno do caso atingiu negativamente todos os estrangeiros com pele negra que vivem em Cascavel**. Principalmente os vindos do Haiti, que estão em maior número. **Discursos que condenam a permanência dos estrangeiros ganharam corpo nos últimos dias**, a ponto de preocupar as entidades de apoio. A Associação dos Imigrantes Haitianos de Cascavel chegou a propor que todos os membros sejam submetidos a testes, como forma de conter o preconceito. **A haitiana [...], que trabalha como frentista em um posto de combustível, ressaltou não entender a confusão geográfica que estão fazendo** – já que o Haiti, que fica na América Central, está longe da zona de risco de ebola, que tem seu epicentro na África. “Não tem nada a ver essa doença com o Haiti. No Haiti existe uma epidemia de cólera, não de ebola”, disse. **O taxista [brasileiro] disse que, depois do caso, passou a se negar a transportar haitianos. Ele criticava a falta de controle sanitário e defendia a expulsão dos imigrantes que estão em Cascavel.** “Eu não carrego mais [haitianos no táxi]. Com essas doenças, como que eu vou me arriscar a levar essa gente? A gente não sabe de onde eles vêm, se têm alguma coisa, não sabe nada”, afirmou. **“Tinha que deportar essa gente, mandar embora do Brasil”**, completou. (ANIBAL, 2014, grifo meu)

A reportagem não ressaltou nenhuma informação pessoal sobre a imigrante haitiana

⁴ Para mais informações sobre a teoria, consultar a obra de Ulrich Beck “Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade”, lançada inicialmente em 1986. No livro, Beck sustenta a teoria de que a sociedade de risco, contextualizada em um mundo globalizado e que substituiu a sociedade industrial, daria novos rumos ao capitalismo, gerando uma nova ordem global, com impactos diretos em aspectos políticos, econômicos e, sobretudo, sociais (GUIVANT, 2001).

que trabalha como frentista na cidade de Cascavel; por exemplo, se ela era casada, se possuía filhos, há quanto tempo morava no Brasil, etc. Apenas expôs a opinião dela acerca do tema. Excetuando essa reportagem cuja fonte foi uma imigrante, aparentemente o discurso jornalístico em torno desse acontecimento em particular apresentou representações sobre homens imigrantes e em situação de refúgio. Ao considerar estudos sobre as relações de gênero, ainda que haja desigualdades entre homens e mulheres nas relações de poder, com as mulheres desempenhando um papel subalterno aos homens em grande parte dos casos, os homens também passam por expectativas de gênero impostas na construção social das masculinidades (SCOTT, 1995), como a função citada anteriormente de provedores do lar, ainda existente na contemporaneidade. Razão que poderia dar conta de uma maioria de migrantes homens em busca de refúgio e, por conseguinte, de uma vida melhor, incluindo ocupar um posto de trabalho. O que explicaria uma ausência inicial de mulheres, que poderiam vir a serem visibilizadas após o estabelecimento inicial de seus companheiros e familiares homens em solo brasileiro. No caso da imigrante haitiana entrevistada, contudo, vale ressaltar que ela desempenha uma ocupação – frentista – majoritariamente ocupada por homens em postos de gasolina.

Quase uma semana após o primeiro caso de suspeita, cujos resultados dos exames foram negativos para a doença, um outro também ocorreu em Foz do Iguaçu, Paraná, no dia 16 de outubro de 2014. No entanto, a suspeita foi descartada no mesmo dia. Diferente do outro caso, neste não foi informada a nacionalidade do paciente, tampouco informações pessoais, apenas que teria visitado Serra Leoa, outro país da África que passava, naquele momento, por uma epidemia do ebola. Contudo, após verificarem o passaporte dele, não foram encontrados carimbos ou comprovantes de passagem em países com epidemia da doença, de modo que a suspeita foi rapidamente descartada, conforme pode ser visto no trecho de reportagem publicada no site da revista Veja:

Na manhã desta quinta-feira a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, foi interditada após a suspeita de um caso de ebola. A secretaria de Saúde do Estado informou inicialmente que o paciente havia estado há 23 dias em Serra Leoa, um dos países mais atingidos pelo surto de ebola na África Ocidental. **Pouco antes do meio-dia, porém, a suspeita foi descartada.** De acordo com a secretaria, **houve dificuldade na comunicação com o paciente no momento do atendimento, que levou ao entendimento de que ele tinha passado por Serra Leoa. Após fotografar o passaporte do paciente, constatou-se que**

o homem não passou por nenhum país africano, mas pela China, por Dubai, pelo Líbano e pela Itália. O paciente buscou atendimento médico depois de apresentar febre e náuseas. Ele ficou em isolamento por algumas horas na manhã desta quinta-feira, junto a profissionais de saúde e demais pessoas que estavam na unidade. **A UPA já foi liberada.** (VEJA, 2014, grifo meu)

Este discurso deixa entrever, por exemplo, que o fato de o paciente não ter passado por nenhum país africano o deixaria livre de suspeitas sobre a doença. Ainda que a epidemia de ebola não fosse, naquele momento, generalizada em todo o continente africano, apenas em alguns países da parte ocidental do continente: Serra Leoa, Guiné, Libéria e casos isolados no Senegal (WHO, 2015). O que pode reafirmar o pânico de ordem moral contra africanos, independente se a doença era ou não existente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, foi possível notar a relação mesmo que indireta das migrações – seja por motivações econômicas ou de outra natureza, seja as forçadas como é o caso do refúgio –, à propagação de doenças ou mesmo a questões sociais como o desemprego, a criminalidade e a pobreza. As mulheres foram, em suma, invisibilizadas do discurso, exceto a única entrevistada haitiana citada em uma das reportagens. Após a realização de entrevistas por meio da História Oral na tese, também constatei que o número de mulheres imigrantes frente ao de homens era mais reduzido, mas não inexistente como no discurso jornalístico presente nas reportagens coletadas sobre o considerado primeiro caso de suspeita de ebola no Brasil. Além disso, o uso no discurso jornalístico de termos como “invasão”, “ilegais”, “indocumentados”, “clandestinos”, “chegada em massa”, “leva” possuem conotação negativa (COGO & SOUZA, 2013; COGO & SILVA, 2015). Acredita-se que a adoção de tais palavras, mesmo que em pequena quantidade, também pode influenciar a opinião pública sobre o macrotema dos fluxos migratórios contemporâneos, especialmente aquele que envolve africanos e caribenhos ou negros de outras nacionalidades, além de promover o pânico moral sobre esses imigrantes e pessoas em situação de refúgio.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o Mundo: Rearranjos familiares de novos migrantes brasileiros.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; BENEDUZI, Luis Fernando (orgs.). **Os pequenos pontos de partida: novos e(i)migrantes rumo à Itália no século XXI.** 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2014.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. Migrantes indesejados? A “diáspora” haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. In: SILVA, Sidney A. da; ASSIS, Gláucia de Oliveira (orgs.). Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: EDUA, 2016, p. 209-250.

BENETTI, Márcia. **Discurso.** In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009, p. 98-99.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CASTRO, Mary Garcia. **Migrações Internacionais e políticas: Algumas experiências Internacionais.** In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), 2001, p. 15-32.

CHARAUDEAU, Patrick. **Representação social.** In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do discurso. 3 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 431-433.

COGO, Denise; SOUZA, Maria Badet. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil.** Belatterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

COGO, Denise; SILVA, Therezinha. Mídia, alteridade e cidadania da imigração haitiana no Brasil. **Encontro Anual da Compós 2015.** Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria\(1\)_2754.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria(1)_2754.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2015.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento.** Florianópolis/SC, v. 4, n. 1, jan./jun. 2012, p. 5-22.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRAZÃO, Samira Moratti; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **O “pânico moral” na narrativa (tele)jornalística: uma análise da representação de refugiados ganeses em telejornais brasileiros (2014).** In: SILVA, Karine de Souza; PEREIRA, Mariah Rausch; SANTOS, Rafael de Miranda (orgs.). Refúgios e Migrações: práticas e narrativas. Florianópolis: NEFIPO/UFSC, 2016, p. 75-99.

_____. A suspeita que marca: representações (tele)jornalísticas de refugiados africanos e a disseminação de pânicos morais contra os fluxos (i)migratórios no Brasil. In: IX Congresso Português de Sociologia, 2017, Faro/Portugal. Portugal, território de territórios - **Atas do IX Congresso Português de Sociologia**. Lisboa, Portugal: Associação Portuguesa de Sociologia, 2017. v. IX. p. 1-12. Disponível em: <http://www.aps.pt/ix_congresso/docs/final/COM0360.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GUIVANT, Julia S. A teoria da sociedade de risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 16, abril 2001, p. 95-112.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 5-30.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROUSSO, Henry. The Last Catastrophe. The Writing of Contemporary History. **Cadernos do Tempo Presente**. n. 11, 13 dez. 2012. Disponível em: <http://www.getempo.org/images/ed11/The_Last_Catastrophe.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://archive.org/details/scott_gender>. Acesso em: 11 jan. 2017.

THOMPSON, Kenneth. **Pânicos Morales**. 1. ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2014.

ANIBAL, Felipe. Suspeita de ebola acirra preconceito contra haitianos. **Gazeta do Povo**, 12 out. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/suspeita-de-ebola-acirra-preconceito-contra-haitianos-eeu8mc3u2uv4pww71dcggdjda>>. Acesso em: 9 maio 2017.

JOHN, Franciele. Após suspeita de ebola, haitianos enfrentam preconceito em Cascavel. **G1 - RPC**, 17 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/10/apos-suspeita-de-ebola-haitianos-enfrentam-preconceito-em-cascavel.html>>. Acesso em: 28 maio 2016.

JORNAL DO BRASIL. Refugiados e imigrantes ilegais elevam o risco de entrada de ebola no país. **Jornal do Brasil**, 19 out. 2014. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ciencia-e>>

tecnologia/noticias/2014/10/19/refugiados-e-imigrantes-ilegais-elevam-o-risco-de-entrada-de-ebola-no-pais/>. Acesso em: 15 set. 2016.

O DIA. Primeiro suspeito de ebola no Brasil deve chegar hoje ao Rio. **O Dia - IG**, 10 out. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-10-10/primeiro-suspeito-de-ebola-no-brasil-deve-chegar-hoje-ao-rio.html>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

SENADO.gov.br. Depois do terremoto no Haiti imigrantes haitianos buscam refúgio no Brasil e recebem vistos. **Revista Em Discussão**, n. 10, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/defesa-nacional/sociedade-armadas-debate-militares-defesa-nacional-seguranca/depois-do-terremoto-no-haiti-imigrantes-haitianos-buscam-refugio-no-brasil-e-recebem-vistos.aspx>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

VEJA. Brasil tem segundo caso suspeito de ebola, mas rapidamente descartado no Paraná. **Veja online**, 16 out. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/brasil-tem-segundo-caso-suspeito-de-ebola-mas-rapidamente-descartado-no-parana/>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

WHO - World Health Organization. Ebola Situation Reports. **World Health Organization**, 30 dezembro 2015. Disponível em: <<http://apps.who.int/ebola/ebola-situation-reports/>>. Acesso em: 1 janeiro 2016.